

**Pensando a Arte: contribuições da Filosofia
no ensino das Artes Visuais**

*Thinking Art: Philosophy's contributions
to the teaching of Visual Arts*

Pedro Gabriel de Souza e COSTA¹

Resumo

A busca pelo papel da Filosofia no ensino das Artes Visuais fomentou uma pesquisa acerca das definições de Filosofia e Arte. Seguiu para uma construção da noção contemporânea acerca das artes visuais, culminando na análise de propostas educacionais diferenciadas que possuem em sua base a análise, a reflexão e a crítica. A pesquisa bibliográfica como metodologia possibilitou o estudo dos conceitos de Chauí a respeito da Filosofia, de Danto, Kosuth e Adorno em relação as Artes e uma aproximação das propostas educacionais de Freire e Barbosa. Observou-se, então, a necessidade do pensamento crítico no mundo das artes, os perigos e dificuldades na definição do que pode ser considerado arte, e as consequências da falta de uma construção de sujeitos críticos, que ponderam sobre o que está posto, indo além da superficialidade. Por fim constatou-se a relevância da Filosofia no ensino das artes visuais para o desenvolvimento tanto dos alunos como dos professores enquanto indivíduos pensantes.

Palavras-chave: Educação. Artes Visuais. Filosofia.

Abstract

The search for the role of Philosophy in the teaching of Visual Arts encouraged a research on the definitions of Philosophy and Art. This was followed by a construction of the contemporary notion about visual arts, culminating in the analysis of differentiated educational proposals that have analysis, reflection and criticism as their basis. The bibliographic research as methodology allowed the study of Chauí's concepts about Philosophy, of Danto, Kosuth, and Adorno regarding the Arts, and an approach to Freire's and Barbosa's educational proposals. It was observed, then, the need for a critical thinking in the world of arts, the dangers and difficulties in the definition of what can be considered art, and the consequences of the lack of a construction of critical individuals, who ponder over what is placed, going beyond superficiality. Finally, the relevance of Philosophy in the teaching of visual arts for the development of both students and teachers as thinking individuals was verified.

Keywords: Education. Visual Arts. Philosophy.

¹ Mestrando em Comunicação e Linguagens, PPGCom – Universidade Tuiuti do Paraná, Bolsista CAPES.
E-mail: pedrogsecosta@gmail.com

Introdução

O tema norteador deste artigo é a importância da Filosofia no ensino das artes visuais. Pretendendo-se o aprofundamento nas concepções tratadas por diversos autores, para que seja possível um entendimento da proximidade e relação entre ambas. Indo da conceituação das artes e da Filosofia, e a desassociação com o belo, até as propostas de ensino abordadas na contemporaneidade.

Com a intenção obter êxito, a elaboração deste artigo se embasou na pesquisa bibliográfica, sendo efetuada uma averiguação dos materiais disponíveis, para em seguida, após seleção, serem utilizados como referência. Procedeu-se então a leitura e o fichamento de artigos, publicações e livros, em busca das informações essenciais à formulação deste trabalho.

Demonstrando a importância da utilização da pesquisa bibliográfica como metodologia, Eva M. Lakatos e Marina de A. Marconi (1985), destacam a variedade de conhecimento obtido por meio de publicações, artigos, livros, jornais, monografias e demais fontes bibliográficas tornadas públicas.

A pesquisa teve como pergunta qual a importância da Filosofia no ensino das artes visuais? Para responder esta indagação foram traçados os objetivos específicos A) verificar a conexão entre Filosofia e a arte, B) conhecer a visão acerca das artes visuais na contemporaneidade e C) analisar a importância da Filosofia no ensino das artes visuais. Desta forma o artigo encontra-se dividido em quatro partes, cada uma atendendo a um objetivo, sendo a última dedicada a apuração dos resultados obtidos.

Os principais fundamentos teóricos que guiarão este trabalho estão nos conceitos sobre Filosofia tratados por Marilena Chauí, na análise das artes em Arthur Danto, Joseph Kosuth e Theodor W. Adorno, e nas propostas educacionais abordadas por Paulo Freire – importante educador e filósofo brasileiro, autor de *Pedagogia do Oprimido* - e Ana Mae Barbosa – aluna de Freire e responsável pela Abordagem Triangular.

Filosofia e Arte

Para iniciar o processo de compreensão dos possíveis benefícios da filosofia no ensino de artes é necessária uma contextualização procurando o que as une, buscando em

seus conceitos uma possível definição do que se pode considerar filosofia e, por conseguinte, arte.

Na visão de Chauí (2000, p.15) o mais próximo de uma definição da filosofia seria a “fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas” e que ela “visa ao estudo e à interpretação de ideias ou significações gerais como: realidade, mundo, natureza, cultura, história, subjetividade, objetividade, diferença, repetição, semelhança, conflito, contradição, mudança, etc.”. Seguindo esse caminho, a compreensão de Maria Lúcia de A. Aranha e Maria Helena P. Martins (2009) complementa esse primeiro ponto quando acrescentam que

a filosofia não está à margem do mundo, nem constitui uma doutrina, um saber acabado ou um conjunto de conhecimentos estabelecidos de uma vez por todas. Ao contrário, a filosofia pressupõe constante disponibilidade para a indagação. (ARANHA; MARTINS, 2009, p.19).

Assim, é possível observar que a Filosofia possui características de indagação, análise e crítica. Ela não é estática, implica um movimento, uma continuidade no pensar a realidade, o agora. É uma abertura às novas possibilidades, procurando entender as motivações que levam a determinadas ações.

O fato de conseguir visualizar a realidade pelas mais diversas perspectivas capacita o indivíduo a não se prender no senso comum ou tomar como verdade qualquer informação e conhecimento recebido. Ao fazer uso desse processo, o ser pensante se torna capaz de fazer uma análise crítica de tudo aquilo que o cerca e se abre para a mudança (ARANHA; MARTINS, 2009).

Por tudo isso já é possível perceber a importância da Filosofia em um contexto geral, de como ela acaba sendo a base para a superação do senso comum, a queda do véu da ignorância, e como ela proporciona meios para a saída do *status quo*.

Chauí (2000) aponta que historicamente a Filosofia surge como um modo de pensar e exprimir pensamentos dos gregos. Por diversas razões firmou-se como o modo predominante dos europeus ocidentais, acabando por propagar-se pelos demais espaços geográficos do ocidente. Torna-se, desta forma, a base da razão, ciência, política e de outros modos de expressão, entre eles a estética enquanto vertente responsável pelas artes. Isto posto, cabe aqui uma breve explanação do que consiste esse ramo da Filosofia.

Segundo Aranha e Martins (2009) a palavra estética, como termo filosófico, surge no século XVIII, sendo uma referência ao conhecimento por intermédio dos sentidos que

mais tarde associou-se à percepção da beleza. Partindo dessa concepção, vale salientar que a beleza é alusiva a cada indivíduo, definir o que é belo acaba por ser uma armadilha, não é algo simples. Desta forma, a beleza possui uma compreensão individual da sua expressão. Além da questão pessoal existe a questão temporal, explicitada ao lembrar como o padrão de beleza modifica-se no decorrer do tempo.

Por conta dessas dificuldades acerca da sua conceituação, a concepção de beleza consta como objeto de estudo de diversos filósofos desde a antiguidade, ao mesmo tempo que é criticada, a exemplo de Kosuth (2006) quando argumenta que se faz

[...] necessário separar a estética da arte porque a estética lida com opiniões sobre a percepção do mundo em geral. No passado, um dos dois destaques da função da arte era seu valor como decoração. Assim, qualquer ramo da filosofia que lidasse com a "beleza", e portanto com o "gosto", era inevitavelmente obrigado a discutir também a arte. (KOSUTH, 2006, p. 214).

Fica bem clara a contradição da estética ao ponderar que a esfera do conhecimento filosófico “responsável” por pensar as artes, possa tratá-las de maneira tão rasa, reduzindo-as a uma função “decorativa” e ligada a algo aparentemente trivial como a beleza.

Diante disso Kosuth (2006) considera que a estética não concebe a função ou a “razão de ser” dos objetos a não ser que tal razão seja puramente estética. Algum objeto decorativo, cujo objetivo seja ornamentar, tornar algo mais atrativo, portanto, ligado ao gosto e conseqüentemente, reforça a subjetividade do belo.

Assim como a estética e a definição do que é belo passam por diversas controvérsias, precisar o que é arte enfrenta igual complexidade. George Dickie (2016) defende

[...] que o uso descritivo de “obra de arte” e utilizado para indicar que uma coisa pertence a certa categoria de artefatos. A propósito, o sentido avaliativo pode ser aplicado a artefatos e também a não artefatos, como quando dizemos “Aquela pintura e uma obra de arte”. Tais observações não tem a intenção de ser tautologias. (DICKIE, 2016, p. 174).

A arte então encontra-se ligada ao material, concomitantemente não depende dele, ou melhor, o transcende. Essa assertiva faz sentido, ao mesmo tempo toma um direcionamento diferente quando comparada ao pensamento de Chauí (2000, p. 403) de

que “a obra de arte dá a ver, a ouvir, a sentir, a pensar, a dizer. Nela e por ela, a realidade se revela como se jamais a tivéssemos visto, ouvido, sentido, pensado ou dito”.

Diante dessas acepções é possível observar que a arte está ligada ao físico, caracterizado pelo objeto ou pelas ações, relacionadas ao teatro ou dança, por exemplo. São capazes de gerar reações, ou seja, uma das características da arte é causar algum tipo de efeito. Contudo, esse aspecto isolado não é capaz de abarcar toda a complexidade das artes.

Em todo o caso, essa característica de causa e efeito ocorre naturalmente ao entrar em contato com uma obra de arte, e independe da beleza. Não é necessário, sendo inclusive um equívoco, fixar como principal critério avaliativo o fato de ser belo ou feio. O feio fora inclusive repudiado do meio artístico por séculos, voltando a ser “bem visto” a partir da quebra com a ideia de as artes serem o espelho do real. Nesse caso, a ligação com a proposta e a capacidade de atingir o campo sentimental são tidas como os princípios a serem observados ao avaliar determinada obra (ARANHA; MARTINS, 2009).

O problema em obter significados precisos tanto da Filosofia quanto das artes demonstra a dificuldade em tratar desses assuntos e simultaneamente revela o vasto campo a ser desbravado em busca das melhores formas de observar esses tópicos opulentos.

Pensar as artes

O pensar as artes passa por uma complexidade igual ou superior que definir os conceitos de Filosofia e artes. Este patamar mostra-se mais profundo e polêmico criticando as noções do senso comum com maior intensidade.

A evolução das artes é perceptível a partir da análise da sucessão dos movimentos artísticos, passando do Renascimento ao *Pop Art*. Porém, fica evidente o aumento da velocidade de substituição de um movimento por outro e até a coexistência de mais de um, conforme se aproximaram da contemporaneidade. O ponto chave visto por Danto como a superação da arte pela filosofia é a *Brillo Box* de Warhol (RAMME, 2008).

A *Brillo Box* de Warhol não possuía nada de diferente de uma caixa de sabão em pó Brillo que poderia ser encontrada em qualquer supermercado, e justamente esse fato fez com que Danto afirmasse, de forma polêmica, que a arte chegara ao seu fim (RAMME, 2008). O fim da arte proposto por Danto não era da arte em si, mas sim da

história da arte: “se o fim da arte acontece com o surgimento de novas formas de arte isso implica que o fim é também um novo e promissor começo. A arte contemporânea é, assim, um tipo de arte pós-histórica” (RAMME, 2008, p. 87).

Kosuth demonstra a partir de outro evento a transformação das artes

O evento que tornou concebível a percepção de que se podia "falar outra linguagem" e ainda assim fazer sentido na arte foi o primeiro readymade não-assistido de Duchamp. Com o readymade não-assistido, a arte mudou o seu foco da forma da linguagem para o que estava sendo dito. Isso significa que a natureza da arte mudou de uma questão de morfologia para uma questão de função. (KOSUTH, 2006, p. 217).

Nos casos relatados fica evidente a utilização da arte como forma de questionar a própria arte. A quebra com o anteriormente estabelecido só é possível pela premissa da arte ser a de gerar novas proposições, não podendo fixar-se à um modelo anteriormente definido, pois recorrer à uma abordagem pré-moldada seria contraditória à sua essência e reforçaria a perpetuação de ideias tradicionais (KOSUTH, 2006).

A utilização de objetos comuns demonstra a separação entre a arte e o “belo”. O seu *status* passa a ser concedido a partir do contexto em que é colocado, chamado por Danto de “mundo da arte” (RAMME, 2008).

As artes não tendo mais a necessidade de representação do real, quebram com questão estética a qual estavam presas até então. Observa-se uma mudança brusca no entendimento artístico o que gera discussões e embates. A noção comumente posta até então some, deixando muitas questões a serem respondidas, fomentando a exigência da reflexão.

Para Danto, foram transfigurações no universo artístico que trouxeram a Filosofia para si, e não o contrário. As alterações nesse universo que o direcionou a caminho da Filosofia da Arte, tornando inevitável o afastamento da estética (COSTA, 2018). Naturalmente esse pensamento é evidenciado na atitude de Duchamp ao criar a *Fonte*.

O rompimento da arte com a estética não declara seu fim, apenas estabelece a não obrigatoriedade desta mostrar-se presente em todos os trabalhos. Não é proposta a sua exclusão do meio, apenas define-se uma nova forma de pensamento, uma libertação.

Noéli Ramme consegue trazer um bom exemplo ao expor que Duchamp desejava

superar a noção de que a tarefa de artista é produzir belos objetos que imitam o belo da natureza. Ele queria livrar a arte do seu aspecto retiniano, tentando mostrar que o artista também é capaz de pensar a

arte, e não é só um imitador, um fabricante de cópias. [...] Mas podemos afirmar também que negar a estética não significa negar a arte, pois Duchamp continuou a fazer arte depois da *Fonte*. (RAMME, 2008, p.88).

Em vista disso, o “mundo da arte” proposto por Danto diz respeito ao espaço onde a obra de arte se encontra e todo o contexto prévio ligado à construção de determinada obra, “Ver algo como arte requer algo que o olho não pode repudiar – uma atmosfera de teoria artística, um conhecimento da história da arte: um mundo da arte” (DANTO, 2006, p.20). Aqui então cabe uma reflexão sobre esse “mundo”.

Obras artísticas passam a ter um conceito mais amplo, atrelando não somente o objeto em si, bem como o ambiente e o cenário em que se encontram. Libertam-se das amarras que as prendiam, porém passam a ser criticadas de forma mais ferrenha, gerando cada vez mais controvérsias quando se indaga o que então é arte.

Nesse ponto, Kosuth (2006) dialoga com os pensamentos de Danto, ao mesmo tempo que agrava a polêmica sobre o mundo da arte, ao estabelecer a prescindibilidade do belo (estética) e o valor do âmbito artístico

[...] estéticas [...] são conceitualmente irrelevantes para a arte. Portanto, qualquer coisa física pode se tornar *objet d'art*, quer dizer, pode ser considerada de bom gosto, esteticamente agradável etc. Mas isso não rem nenhuma influência sobre a aplicação do objeto a um contexto artístico; ou seja, sobre o seu *funcionamento* em um contexto artístico. (Por exemplo, se um colecionador pega um quadro, encaixa nele pernas e passa a usá-lo como mesa de jantar, trata-se de um aro que não rem relação com a arte ou o artista, porque, *como arte*, essa não era a *intenção* do artista). (KOSUTH, 2006, p.218).

Desta forma, a intenção do artista deve ser levada em consideração. Não seria uma obra realmente artística se fosse utilizada em com outra função diferente da concepção para a qual foi criada, todavia, não se resume a atribuição dada pelo criador. Da mesma maneira que seu *status* pode ser concedido pelo artífice, ele pode ser provido por seus apreciadores (DICKIE, 2016).

Sobre o ponto em que se categoriza um artefato arte ou não, cria-se uma problemática tendo em vista a abertura de precedentes para que peças anteriormente ignoradas ingressem no âmbito artístico. Com isso em mente, Dickie (2016) apresenta que até uma madeira flutuante pode ser considerada arte se retirada da natureza e pendurada em uma parede ou se inscrita em uma exposição, ou seja, se for a ela atribuído o *status* de candidato a apreciação.

Tal complexidade demonstra a importância em averiguar todo o ambiente que envolve o meio. A intensão, a história, o espaço, todos devem ser levados em consideração. Nenhum ponto podendo ser menosprezado, sendo que a mudança de um fator pode por tudo aquilo que fora construído em risco, ao mesmo tempo capacita uma completa metamorfose.

A exemplo, pinturas feitas por um chimpanzé podem receber o *status* de arte ao mesmo tempo que uma reprodução, ou pura imitação de um quadro passam longe de tal prestígio. Como exposto por Dickie (2016)

Tudo depende do que é feito com as pinturas. [...] Por exemplo, O Museu Field de História Natural recentemente exibiu algumas pinturas de chimpanzés. No caso dessas pinturas devemos dizer que elas não são obras de arte. Todavia, se elas tivessem sido exibidas a poucas milhas de distância no Instituto de Arte de Chicago, elas seriam obras de arte. (Se, por assim dizer, o diretor do Instituto de Arte assim se expusesse dessa maneira publicamente). Tudo depende do contexto institucional. DICKIE, 2016, p.178).

A ampliação da definição do mundo da arte anteriormente apresentado é possível mediante análise dos fatores que definiriam as novas características deste mundo. A arte passa a ser arte ao encontrar-se no meio da própria arte, sendo possível a sua existência sem um objeto em si, mas podendo utilizar-se, bem como somente, do espaço em que a envolve (RAMME, 2008).

Portanto, as novas capacitações conferidas a arte carregam o peso do pensamento. O pensar filosófico acerca dos temas artísticos abarca um campo maior, possibilitando, e exigindo na maioria das vezes, uma visão crítica não somente do que é produzido, mas igualmente do meio em que se encontra além da realidade que representa.

Na perspectiva abordada por Adorno, as artes adquirem um viés voltado à crítica social. Ele enxerga a utilização do imaginário, este baseado na realidade social, na criação de obras, uma demonstração de oposição a realidade e a sociedade. Em vista disso, seu entendimento do imaginário consiste na representação de uma fuga, associada à mediação entre promessas “traídas pela cultura e não realizadas na história e o que poderia ser alcançado em outra organização social” (FRANCISCATTI; VIANA, 2012, p.241)

Cabe nesse ponto um breve adendo acerca do conceito de cultura. Para Chauí (2000) a cultura

é a criação coletiva de idéias, símbolos e valores pelos quais uma sociedade define para si mesma o bom e o mau, o belo e o feio, o justo

e o injusto, o verdadeiro e o falso, o puro e o impuro, o possível e o impossível, o inevitável e o casual, o sagrado e o profano, o espaço e o tempo. A Cultura se realiza porque os humanos são capazes de linguagem, trabalho e relação com o tempo. A Cultura se manifesta como vida social, como criação das obras de pensamento e de arte, como vida religiosa e vida política. (CHAUÍ, 2000, p.61).

A cultura consiste em um fator relevante a ser considerado na formação dos conceitos da arte. Por sua construção englobar a história, a tradição e as relações sociais, a realização uma análise crítica relativa ao que quer que seja apresentado no plano artístico, não transcorrerá de maneira descomplicada.

Logo, fica evidente que o pensamento crítico acerca das artes é extremamente necessário e deve ser exercitado constantemente de maneira a capacitar uma maior compreensão da realidade. Além do pensar as artes, é necessário compreender que antes de pensar sobre, é essencial ter a capacidade, os meios, de identificar uma obra de arte.

O entendimento, o estudo e o treino são os principais agentes transformadores dos indivíduos que adentram o mundo da arte proposto por Danto. O “ver” nesse contexto abrange a totalidade da conjuntura, tornando a interpretação um fator significativo a ser desempenhado pela crítica (RAMME, 2018).

Deste modo, torna-se importante assegurar um ensino de qualidade na formação de crianças e adolescentes, para que esses possam entrar no mundo das artes capacitados a compreender o que os rodeia. Para tal deve-se pensar em dialogar a Filosofia com as artes e refletir quais os objetivos pretende-se alcançar e de qual forma.

A Filosofia no ensino das Artes Visuais

A partir da perspectiva vista anteriormente, a crítica no ensino de artes torna-se obrigatória. A dificuldade encontrada no ato de definir as artes demonstra o “perigo” da ocorrência de equívocos durante o aprendizado e, por outro lado, é evidente a facilidade da reprodução de conceitos incorretos. Indo além, existe o problema da simples reprodução, sendo essa a reprodução automática da cultura sem questionamentos, um risco a ser considerado.

Antes de abordar a educação em si, a reflexão proposta por Joana Sanches-Justo pode colaborar para o entendimento contemporâneo de um viés da problemática da reprodução sem discernimento da cultura. A partir do momento em que são relacionadas a bens consumo, como a *Brillo Box* de Warhol, arte e a cultura tornam-se elas mesmas

bens de consumo. Seguindo esse caminho, a publicidade ao aliar-se a arte para vender seus produtos, tendo a aparência como base, transforma a aparência também em objeto de consumo. Desta forma, Sanches-Justo (2014) aprofunda-se ao explorar o fascínio provocado pela cultura imagética, rápida e agressiva, em que somente enxerga-se o superficial, consumindo de forma passiva aquilo que é exposto. A solução apontada pela autora para fugir dessa armadilha é a reflexão.

Compreende-se então que as artes na atualidade podem estar ligadas ao consumo, e a falta de julgamento, o fascínio, e a rapidez com que se absorve as informações, guiam aqueles que se encontram sem uma base crítica formada a propagar informações deturpadas, a não entender o que os atrai, nem a construção por trás do que está posto.

Nesse aspecto, Sara Silva (2015) contribui com o contexto histórico da educação brasileira, pontuando que esta passou, e passa, pelo poder da Igreja e do Estado, com o objetivo de reproduzir cultura e introduzir na sociedade a ideologia desejada, mantendo as classes “inferiores” com o ensino básico, tendo acesso aos níveis superiores de instrução somente a “elite”. A educação então é utilizada para propagar ideologias, firmar verdades “incontestáveis”, transformando professores e alunos em marionetes que continuam a agir sem pensar, perpetuando desigualdades e uma sociedade alienada (SILVA, 2015). A partir desta análise de conjuntura, é válida a procura por outras maneiras de educar.

A proposta educacional de Paulo Freire incita uma educação reflexiva, em que o professor, educador, deve estar em constante diálogo com os seus alunos, construindo de forma dinâmica o conhecimento, ao mesmo tempo em que ensina, ele aprende com seus educandos (LIMA, 2014). A educação nesse ponto não pode ser vista pelo viés do “aluno vasilha”, que recebe sem questionar as informações passadas pelo professor, tomando o que é dito por verdade absoluta e imutável. Nesse contexto, o objetivo da educação é a emancipação do aluno, possibilitar ao estudante compreender e analisar a realidade a sua volta, capacitá-lo a tomar decisões coerentes com seu ser.

Nas palavras de Paulo Gomes Lima (2014),

a preocupação de Paulo Freire com a formação do homem para a cidadania no âmbito da escola era recorrente quanto ao domínio de todo o instrumental possível para o despertar do sujeito cognoscente. Assim, a ação pedagógica do educador se origina numa leitura de mundo, da realidade de sua turma, do conhecimento e das trocas entre os sujeitos cognoscentes. O professor, como ator social que também aprende ao ensinar, deve ter sempre em vista que o trabalho com a

realidade envolve uma responsabilidade pontual: o planejamento de ações que favoreçam o desenvolvimento de seus alunos num movimento de ressignificação de conhecimentos (LIMA, 2014, p. 69).

Nesse ponto é notória a essencialidade da presença do professor no meio social em que o aluno se encontra. Conhecer o ambiente social do educando habilita o educador a tratar de forma mais assertiva os conteúdos propostos, no caso as artes visuais. Essa aproximação possibilita a criação de vínculos entre os indivíduos e os objetos que serão trabalhados, tendo o potencial de trazer o que o aluno vivência no cotidiano para a sala de aula e vice-versa.

Por meio de uma educação problematizadora, idealizada por Paulo Freire, a criatividade dos alunos é incentivada. O respeito, o diálogo, a construção do conhecimento com base na realidade vivenciada e a crítica, são valorizados, pois, por meio desses mecanismos, a libertação do domínio ideológico exercido pelos opressores, pode ser alcançada (LIMA, 2014). Em momento algum, nega-se o conhecimento histórico, porém a forma com ele é tratado diferencia-se da tradicional, tendo em vista a utilização dos artifícios prezados por Freire. Conversando com a proposta de Freire, a Abordagem Triangular (AT) concebida por Ana Mae Barbosa traz aspectos importantes capazes de guiar o ensino de artes visuais.

A possibilidade de melhoria do ensino de artes visuais utilizando a Abordagem Triangular fundamenta-se na integração do fazer artístico, na análise, leitura, de imagens e em uma contextualização sociocultural firmadas no desenvolvimento da crítica, reflexão e do diálogo (BARBOSA, 2014). A AT tem por objetivo gerar, mediante uma noção crítica, um movimento capaz de induzir a construção do conhecimento, não limitado a informação, viabilizando o entendimento dos significados atribuídos ao que é estudado. Esta abordagem fomenta a reflexão sobre as imagens, em como pensá-las, ir além da produção de desenhos, pinturas e gravuras, mostrando-se primordial abarcar as visões de mundo e das realidades em que se encontram os indivíduos (SILVA; LAMPERT, 2017).

Na Abordagem Triangular o trabalho com a imagem ultrapassa suas relações com a História da Arte ou as intenções e vida dos artistas. A aproximação dos sujeitos com o objeto estudado possibilita a construção prática do conhecimento, que aliado a teoria, proporciona uma nova experiência, beneficiando tanto os alunos quanto os professores. Conseqüentemente, a AT proporciona uma produção e leitura diferenciadas, em que o

questionamento no ensino das artes visuais induz o desenvolvimento de indivíduos críticos acerca do mundo imagético que os rodeia (SILVA; LAMPERT, 2017).

Dessarte, a análise, crítica e reflexão no ensino apresentado por Paulo Freire e presente no ensino das artes visuais proposto por Ana Mae Barbosa, dialogam com os conceitos tratados por Danto, Kosuth e Adorno. Sendo assim, o ganho obtido pelo emprego da Filosofia no ensino é incontestável, como complementa Chauí (2000) quando, ao indagar sobre a utilidade da Filosofia, responde que

se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil; se não se deixar guiar pela submissão às idéias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos for útil, então podemos dizer que a Filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes (CHAUÍ, 2000, p.17).

Desta maneira, a ligação entre o ensino de artes visuais e a Filosofia fica claro. A Filosofia é uma ferramenta indispensável quando o objetivo do ensino é a quebra da reprodução alienada de padrões preestabelecidos. É por meio dela que se torna praticável a construção de sujeitos críticos para com a realidade em que estão inseridos.

Considerações finais

Este artigo teve por objetivo explorar a importância da Filosofia no ensino de artes visuais. Inicialmente buscou-se os conceitos de Filosofia e Arte, tarefa que se mostrou árdua, tendo em vista a ampla gama de significados que cada uma pode adquirir e as dificuldades de firmar-se em somente um.

Por toda a construção deste trabalho foi notória a necessidade dos princípios da análise, reflexão e crítica ao se pensar as artes, mesmo antes da focalização na educação. Os autores utilizados no pensar as artes reforçam a todo tempo as nuances entre o que pode ou não ser considerado arte, fomentando a periculosidade da realização de uma análise rápida e superficial dos objetos dito artísticos.

Partindo deste cenário, verificou-se que por meio de uma educação focada na construção de seres dotados de um pensamento crítico, analítico e reflexivo, armadilhas

do cotidiano podem ser contornadas, entre elas a reprodução alienada de ideologias opressoras.

Os benefícios da associação entre Filosofia e o ensino das artes ficou visível nas propostas educacionais de Freire e Barbosa. A aproximação do ensino e da realidade dos indivíduos proporciona um outro olhar para as artes, e ao mesmo tempo possibilita uma análise societária. Permite produzir e consumir de forma consciente os produtos ofertados pelo mundo das artes.

Sendo assim, este artigo tem a proposta de incentivar novas pesquisas ao constatar o vasto campo que a temática abrange. Observa-se a imprescindibilidade da continuidade e de novos estudos que valorizem o pensar nas artes visuais, investigando as formas com as quais a Filosofia pode ser utilizada no ensino, e os perigos que um julgamento não fundamentado pode acarretar.

Referências

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à filosofia. 4 ed. São Paulo: Editora Moderna, 2009.

BARBOSA, A. M. T. B. **A imagem no ensino da arte**: anos 1980 e novos tempos / Ana Mae Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

COSTA, R. Arthur Danto e a experiência estética. **Revista Kriterion**, Belo Horizonte, n. 139, p. 255-269, abr. 2018.

DANTO, A. O mundo da arte, **Revista Artefilosofia**, Ouro Preto, n. 1, p. 13-25, jul. 2006.

DICKIE, G. Definindo Arte. Tradução de Jean Rodrigues Siqueira. **Revista Lumen**, São Paulo, n. 1, p. 173-179, jan. 2016.

FRANCISCATTI, K. V. S.; VIANA, C. M. J. Arte e Filosofia: Conhecimento e crítica a respeito da (de)formação cultural, **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 37, n. 2, p. 237-254, jul.-dez. 2012.

KOSUTH, J. Arte depois da filosofia. In: FERREIRA, G. (Org). **Escritos de artistas**. Anos 60/70. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Editora Atlas, 1985.

LIMA, P. G. Uma leitura sobre Paulo Freire em três eixos articulados: o homem, a educação e uma janela para o mundo. **Revista Pro-Posições**. v. 25, n. 3 (75), p. 63-81, set.-dez. 2014.

RAMME, N. Arte e Filosofia para além da estética. **Revista Artefilosofia**, Ouro Preto, n. 5, p. 87-95, jul. 2008.

SANCHES-JUSTO, J. A primazia da imagem e a virtualização das relações na cultura das aparências. **Revista Espaço Acadêmico**. n. 153, p. 1-9, fev. 2014.

SILVA, S. **O pensar certo e a educação na obra de Paulo Freire**. 2015, 201f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

SILVA, T. G. da; LAMPERT, J. Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino Básico de Artes Visuais no contexto brasileiro. **Revista Matéria-Prima**. Lisboa, v. 5 (1), p. 88-95, jan.-abr. 2017.